

INFÂNCIA, DE GRACILIANO RAMOS: A TRAVESSIA DAS LETRAS

Claudia Campos Soares¹

Resumo: *Infância*, o livro de memórias, justamente, da infância de Graciliano Ramos, consiste no relato de uma trajetória infantil (dos 2 ou 3 aos 11 anos de idade) marcada por experiências extremamente dolorosas, que deixaram cicatrizes profundas no adulto que o menino se formou. Essa é uma visão consensual da crítica sobre o livro. Alguns críticos têm apontado, também, formas de superação, ainda que relativa, encontradas pela criança para sobreviver à hostilidade do meio – entre elas, a leitura de textos literários. Entretanto, como as demais, a experiência de alfabetização e letramento foi extremamente penosa para o menino, que, embotado em suas faculdades cognitivas pelo medo e muito pouco (ou nada) auxiliado pelos mestres e pelo tipo de material didático utilizado no processo, não aprendia. A pergunta que advém daí é a seguinte: como o menino teria feito a passagem do horror ao amor pelos livros? Foi para essa pergunta que este trabalho buscou encontrar respostas. A pesquisa empreendida conseguiu identificar momentos na trajetória do personagem que indicam como havia nele, desde muito cedo, uma certa disposição íntima que o tornou sensível ao mundo da linguagem e da ficção. Constatou-se, além disso, que um acontecimento específico atuou fortemente em favor da resignificação do aprendizado das letras pelo menino. O acontecimento transformador, embora prosaico e aparentemente insignificante, foi identificado no capítulo “Os astrônomos”. Uma “pergunta espantosa” de sua prima permitiu ao menino passar a enxergar no domínio da leitura não mais uma imposição do mais forte, mas um instrumento de libertação do mais fraco.

Palavras-chave: *Infância*; Graciliano Ramos; alfabetização; passagem do horror ao amor pelas letras.

INFÂNCIA BY GRACILIANO RAMOS: THE CROSSING OF LETTERS

Abstract: *Infância*, Graciliano Ramos's memoir of his childhood, is an account of a childhood trajectory (from two or three to 11 years old) marked by extremely painful experiences, which left deep marks on the adult that the boy became. This is the consensus of critics about the book. Some critics have also pointed out the ways of overcoming, albeit relative, the child found to survive the hostility of the environment - among them, reading literary texts. However, like everything else, the

1 Doutora em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo. Professora da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.

experience of literacy was very painful for the boy, who, blunted in his cognitive faculties by fear and with very little (or none at all) help from his teachers and the type of teaching material used in the process, learned very little. The question that arises from this is: how did the boy make the transition from horror to love of books? It was to this question that this work sought to find answers. The research carried out was able to identify moments in the character's trajectory that indicate that there was in him, from a very early age, a certain intimate disposition that made him sensitive to the world of language and fiction. It was also verified that a specific event acted strongly in favor of the re-signification of the learning of letters undertaken by the boy. The transformative event, though prosaic and apparently insignificant, was identified in the chapter "The Astronomers". A "terrifying question" from his cousin allowed the boy to see, in the field of reading, no longer an imposition of the stronger, but an instrument of liberation for the weaker.

Keywords: Infância; Graciliano Ramos; literacy; passage from horror to love for letters.

Como observou Antonio Candido em seu clássico estudo sobre Graciliano Ramos, *Infância* é um livro fortemente marcado pelo "sentimento de humilhação e machucamento. Humilhação de menino fraco e tímido, maltratado pelos pais e extremamente sensível aos maus-tratos sofridos e presenciados" (1995, p. 51). Tal é a visão consensual da crítica sobre o livro, mas alguns estudiosos têm apontado, ainda, formas de superação, em certa medida, dos traumas que advieram do convívio familiar e social nos primeiros anos de vida do menino, entre elas, a literatura². O protagonista de *Infância*, depois de muita dificuldade para aprender a ler, acabou encontrando nos livros um meio de evasão do ambiente hostil em que vivia, marcado pela opressão e pela violência. É o que afirma também Antonio Candido, apresentando, mais uma vez, uma visão consensual sobre o livro: "[a] consequência natural [das diversas violências a que o menino foi submetido] é o refúgio no mundo interior e o interesse pelos aspectos inofensivos da vida. Inofensivos e inúteis. Sonhar, ler..." (Candido, 1992, p. 51). Nuno Ramos, do mesmo modo, considera que a leitura serviu de lenitivo para o menino oprimido, de "intervalo [...] diante da violência do real" (2019, p. 47). E Valentim Facioli, igualmente, acredita que os sofrimentos do menino encontraram alívio quando ele percebeu "o valor enorme das palavras" (1987, p. 27). É o que se explicita, por exemplo, neste trecho: "O medo, o pavor, a cegueira ocasional, os apelidos aviltantes³, a dura experiência das hostilidades, em geral inexplicáveis ou injustas, tudo, enfim, conduzia o menino

2 Uma outra forma de superação relativa dos traumas infantis é o exercício reflexivo do adulto que busca compreender o outro, até mesmo o seu opressor, relativizando "critérios habituais de avaliação" de comportamento Ribeiro, 2012, p. 20). Essa é a tese defendida por Gustavo Silveira Ribeiro sobre o livro de memórias de Graciliano Ramos. Para o estudioso, apesar de *Infância* se constituir em "um relato doloroso, cheio de violências e injustiças contra o seu pequeno protagonista [...], prevalece o esforço ético do autor que procura resgatar e compreender, no presente da escrita, as motivações de cada um dos personagens retratados no livro, mesmo que eles tenham infligido sofrimento físico e humilhação à criança e aos demais seres desamparados que povoam a narrativa" Ribeiro, 2012, p. 31-32).

3 Dessa "cegueira" e desses apelidos se tratará adiante.

à fuga e à descoberta do livro, relação mais amena, longe da ameaça direta a sua fraqueza” (Facioli, 1987, p. 27). E é também o que afirma o próprio Graciliano Ramos, ainda segundo Facioli:

Em [...] depoimento, Graciliano sintetiza a passagem da escola formal, com seu cortejo de repressão e miséria, para o livro: “Depois seu Sebastião apurou-se e em 99 foi viver em Viçosa, Alagoas, onde tinha parentes. Aí entrei no terceiro livro e percorri várias escolas, sem proveito. Como levava uma vida bastante chata, habituei-me a ler romances. [...] Desembestei para a literatura”. (Ramos *apud* Facioli, 1987, p. 28).

Inicialmente, é preciso comentar que “chata” é um eufemismo, em se tratando da vida de Graciliano menino, conforme é relatada em *Infância*⁴. Entretanto, o que importa ressaltar aqui é que, tanto nessas palavras de Graciliano como nas afirmações dos críticos citados, há uma lacuna. Valentim Facioli, por exemplo, afirma que o período escolar do menino foi um “cortejo de repressão e miséria” e Graciliano diz que percorreu “várias escolas, sem proveito”. É o relatado também em *Infância*, onde acompanhamos o périplo do menino em seu difícil processo de alfabetização e letramento. Uma pergunta, então, se impõe: como o menino teria feito a passagem do analfabetismo para o amor pelos livros? O que teria permitido a ele ressignificar positivamente o aprendizado das letras e, assim, transpor os obstáculos que lhe interditavam o caminho? Em outras palavras, como a leitura passou de experiência opressiva e frustrante a vivência prazerosa? Para encontrar possibilidades de resposta a essa pergunta, vale a pena acompanhar algumas etapas do processo que o narrador chamou de “série de aventuras funestas” (Ramos, 1995, p. 103)⁵.

Já o primeiro contato do menino com os livros foi traumático. A princípio, teve como mestre o pai, que o vira observando os folhetos de uma cartilha em sua

4 Como se sabe, *Infância* é um livro de teor autobiográfico. Há, portanto, grande proximidade entre narrador e autor, mas não identidade absoluta. Um bom resumo da situação se encontra nestas palavras, novamente, de Gustavo Ribeiro: “Como mostraram Freud, Bergson e diversos outros estudiosos da questão, a memória não resgata integralmente os fatos do passado; ela os reelabora e os deforma através de mecanismos inconscientes, terminando por selecioná-los, recombina-los com outras experiências de tempos diversos e, principalmente, dar a eles significado diverso do que tiveram no momento em que foram percebidos. A inescapável mediação da linguagem e a distância temporal que se impõe entre aquele que lembra e os eventos lembrados confere a estes últimos, inevitavelmente, estatuto de invenção: mais do que recuperar o que foi, lembrar é recriar o passado, elaborar dele uma imagem – atualizá-lo no presente como ficção” - Ribeiro, 2012, p. 28). Além disso, como observou Antonio Candido, Graciliano não tratou de forma diferente suas memórias de infância e seus livros de ficção. Há em *Infância* um “esqueleto de realidade escorando os arrancos da fantasia”; nesse livro, “as pessoas parecem personagens e o escritor se aproxima delas por meio da interpretação literária, situando-as como criações. [...] E para nós não há diferença alguma entre, por exemplo, seu Ribeiro de *São Bernardo* e o avô do narrador, em *Infância*” (Candido, 1992, p. 50-51). Por esses motivos, não se cuidará aqui de distinções de gênero; o livro será tratado como criação literária que apresenta correspondências com a vida do autor, e este trabalho recorrerá também a elementos biográficos quando isso for relevante para a discussão.

5 A partir de agora, os trechos de *Infância* citados neste trabalho serão indicados no texto somente pelo número de página da referida edição.

loja e, “valorizando com energia as linhas mal impressas” (p. 95), perguntou ao menino se ele não gostaria de aprender a ler.

[...] meu pai me perguntou se eu não desejava inteirar-me daquelas maravilhas, tornar-me um sujeito sabido como Padre João Inácio e o advogado Bento Américo. Respondi que não. Padre João Inácio me fazia medo, e o advogado Bento Américo, notável na opinião do júri, [...] não me interessava. Meu pai insistiu em considerar esses dois homens como padrões e relacionou-os com as cartilhas da prateleira. Largou pela segunda vez a interrogação pérfida. [...] A consulta me surpreendeu. Em geral não indagavam se qualquer coisa era do meu agrado: havia obrigações, e tinha de submeter-me. A liberdade que me ofereciam de repente, o direito de optar, insinuou-me vaga desconfiança. Que estaria para acontecer? Mas a pergunta risonha levou-me a adotar procedimento oposto à minha tendência. Receei mostrar-me descortês e obtuso, recair na sujeição habitual. Deixei-me persuadir, sem nenhum entusiasmo, esperando que os garranchos do papel me dessem as qualidades necessárias para livrar-me de pequenos deveres e pequenos castigos. Decidi-me. (p. 95).

Ao menino, as virtudes da leitura exaltadas pelo pai não interessavam; pelo contrário, não lhe pareciam virtudes, uma vez que as pessoas utilizadas pelo pai como exemplos do saber que o conhecimento das letras impressas proporcionava causavam medo ou não despertavam o interesse do menino. Padre Inácio, “autoridade franzina e despótica”, “[m]andava porque tinha poderes: era Albuquerque⁶ e sacerdote” (p. 59). Segundo o narrador, o religioso fora “criado para forçar-nos [as crianças] à obediência” (p. 58) e era um “homem tenebroso” também na aparência: “Não ria. O olho postigo, imóvel num círculo negro, dava-lhe aspecto sinistro” (p. 59). Quanto ao advogado, “notável na opinião do júri”, para o menino nada significava, nada tinha de admirável. Entretanto, surpreso com o súbito interesse do pai por “coisas que eram do [s]eu agrado”⁷, aquiesceu, embora “sem nenhum entusiasmo”, para não parecer “descortês e obtuso”, e também contando com a possibilidade de obter vantagens adicionais: talvez as lições pudessem livrá-lo de obrigações desagradáveis e castigos. O filho, portanto, concordou com a proposta, não porque ele mesmo desejasse se alfabetizar, mas para agradar o pai e porque julgava poder obter, assentindo, outra sorte de benefícios.

Logo, entretanto, percebeu a cilada em que se metera. Em pouco tempo, deu-se conta de que concordara em submeter-se a uma terrível “escravidão”, “condenado” que se via à “tarefa odiosa” (p. 96). O pai não tinha paciência para com as dificuldades do menino; que, por sua vez, perturbado pelo medo da violência paterna (ameaça materializada no “côvado” que o pai exibia – e usava – em suas temíveis aulas), via embotadas as suas capacidades intelectuais e não conseguia

6 Albuquerque é o sobrenome de uma das famílias mais poderosas da região: “Os maiores do município, governo e oposição, vinham de um grupo de famílias mais ou menos entrelaçadas, poderosas no Nordeste: Cavalcantis, Albuquerque, Siqueiras, Tenórios, Aquinos. Padre João Inácio era Albuquerque” (p. 46).

7 Quando o menino era objeto do interesse de alguém, segundo o narrador, geralmente era para levar “bolos, chicotadas, cocorotes, puxões de orelha”. (p. 15).

corresponder à expectativa paterna. O medo, a agitação interior e a obrigação de não errar prejudicavam o desenvolvimento das potencialidades do menino, que quase nada aprendia. As dificuldades do filho impacientavam ainda mais o pai, que, na mesma medida, atormentava o filho, criando obstáculos a cada dia maiores ao aprendizado do menino. Assim o narrador descreve o terrível círculo vicioso em que se envolvera:

Meu pai não tinha vocação para o ensino, mas quis meter-me o alfabeto na cabeça. Resisti, ele teimou — e o resultado foi um desastre. Cedo revelou impaciência e assustou-me. Atirava rápido meia dúzia de letras, ia jogar solo. À tarde pegava um côvado, levava-me para a sala de visitas — e a lição era tempestuosa. Se não visse o côvado, eu ainda poderia dizer qualquer coisa. Vendo-o, calava-me. Um pedaço de madeira, negro, pesado, da largura de quatro dedos. [...] Uma vez por dia o grito severo me chamava à lição. Levantava-me, com um baque por dentro, dirigia-me à sala, gelado. E emburrava: a língua fugia dos dentes, engrolava ruídos confusos. Livrara-me do aperto crismando as consoantes difíceis: o T era um boi, o D uma peruinha. Meu pai rira da inovação, mas retomara depressa a exigência e a gravidade. Impossível contentá-lo. E o côvado me batia nas mãos. Ao avizinhar-me dos pontos perigosos, tinha o coração desarranjado num desmaio, a garganta seca, a vista escura, e no burburinho que me enchia os ouvidos a reclamação áspera avultava. [...] As pobres mãos inchavam, as palmas vermelhas, arroxeadas, os dedos grossos mal se movendo. Latejavam [...]. Finda a tortura, sentava-me num banco da sala de jantar, estirava os braços em cima da mesa, procurando esquecer as palpitações dolorosas. (p. 96-98).

A série de reações físicas do menino (o “baque por dentro”, a “língua [que] fugia dos dentes”, o “coração desarranjado”, a “garganta seca”, a “vista escura”, o “burburinho nos ouvidos”, as “palpitações dolorosas”...) dá a medida do que significavam para ele aquelas lições realizadas sob a ameaça – e efetiva utilização – do “côvado”: “martírio”, “tormento”, “tortura”. Impossível que lhe fossem “metidos na cabeça” o alfabeto e as combinações de suas letras nessas condições.

Ainda contribuía negativamente para o aprendizado do menino a inadequação dos textos didáticos, com sua linguagem empolada, inusitada e, por isso, confusa para ele, além de seu conteúdo moralizante. As “linhas gordas e safadas” (p. 97) que, segundo o narrador, “formavam [as] sentenças graves e arrevesadas” (p. 99) dos folhetos da cartilha responsável pelo padecimento do menino, não colaboravam em nada para o desenvolvimento de suas habilidades de leitura, muito antes pelo contrário. Também por isso, as suas dificuldades não desapareceram mesmo depois de o pai, nas palavras do narrador, “concluir que não valia a pena tentar esclarecer-me” (p. 97), e Mocinha, sua meia-irmã, assumir a tarefa:

Afinal meu pai desesperou de instruir-me, revelou tristeza por haver gerado um maluco e deixou-me. Respirei, meti-me na soletração, guiado por Mocinha. E as duas letras amansaram. Gaguejei sílabas um mês. No fim da carta elas se reuniam, formavam sentenças graves, arrevesadas, que me atordoavam. Certamente meu pai usara um horrível embuste naquela maldita manhã, inculcando-me a excelência do papel impresso. Eu não lia direito, mas, arfando penosamente, conseguia mastigar os conceitos sisudos: “A preguiça

é a chave da pobreza — Quem não ouve conselhos raras vezes acerta — Fala pouco e bem: ter-te-ão por alguém.”

Esse Terteão para mim era um homem, e não pude saber que fazia ele na página final da carta. [...].

— Mocinha, quem é o Terteão?

Mocinha estranhou a pergunta. Não havia pensado que Terteão fosse homem. Talvez fosse. “Fala pouco e bem: ter-te-ão por alguém.”

— Mocinha, que quer dizer isso?

Mocinha confessou honestamente que não conhecia Terteão. E eu fiquei triste, remoendo a promessa de meu pai, aguardando novas decepções. (p. 99).

As terríveis oclusivas “amansaram” quando deixou de ter o pai e passou a ter Mocinha como mestra, mas a linguagem do folheto, totalmente desvinculada da realidade do menino— tanto que o leva a confundir uma mesóclise com o nome de uma pessoa (o que empresta certo tom tragicômico ao trecho) –, bem como os preceitos morais dos folhetos, que não faziam sentido para ele, tornavam as palavras da cartilha, lidas pela irmã, uma “cantiga fastidiosa” que o “entorpecia”; e ele acabava, em suas próprias palavras, sentindo um “enjoo que tapava-me os ouvidos, prendia-me a fala” (p. 97). Mais uma vez, observam-se aqui reações físicas desagradáveis em resposta aos desacertos do processo de alfabetização do menino: “as coisas em redor mergulhavam na escuridão, as ideias se imobilizavam. De fato eu compreendia, ronceiro, as histórias de Trancoso. Eram fáceis. O que me obrigavam a decorar parecia-me insensato” (p. 97)⁸, Daí as palavras do pai, que exaltara as excelências das letras impressas na manhã em que o consultara sobre o seu desejo de aprender a ler, soarem-lhe agora como “um horrível embuste”.

Vale chamar a atenção também para a descrença que, segundo o narrador, o menino mantinha em sua capacidade de aprender (“fiquei triste [...] aguardando novas decepções”), o que não surpreende, em se considerando que suas experiências nesse campo até então tinham sido profundamente malsucedidas; e, pelo menos a primeira, bastante traumática. O pai o considerava “um idiota” (p. 103), bem como a mãe e o próprio menino, que se achava “uma besta” (p. 190). Em outro momento: “Achava-me obtuso.” (p. 119). Ainda em suas palavras, “aos nove anos, eu era quase analfabeto. E achava-me inferior aos Mota Lima, nossos vizinhos, muito inferior, construído de maneira diversa [...]” (p. 197).

Como se vê, diante da desvalorização permanente por parte dos pais, o menino desenvolve uma péssima autoimagem e acaba se considerando incapaz

8 Esse é um menino guiado pela sensatez e pelo senso do razoável. É o que se explicita, por exemplo, no capítulo “Inferno”, onde é relatada a dificuldade da criança em aceitar as explicações fornecidas pela mãe, justamente, sobre o sentido da palavra inferno. O vocábulo, segundo ela, era atribuído a um “lugar ruim”, onde os “moradores” eram “torturados por demônios de rabo e chifres” e “viviam depois de mortos em fogueiras maiores que as de S. João e em tachas de breu derretido.” (p. 71-72). A reação do menino foi a seguinte: “Quando minha mãe falou de breu derretido, examinei a cicatriz do dedo e balancei a cabeça, em dúvida. Se o pequeno torrão, esmagado com o peso de meio quilo, originara aquele desastre, como admitir que pessoas resistissem muitos anos a barricadas cheias, derramadas em tachas fundas, sobre fogueiras de São João?” (p. 73). Como se vê, o menino, guiado pela lógica e pela razão, não pode aceitar tantas “incompatibilidades” (p. 73).

de aprender. Vale observar, também, nessas afirmações, o tratamento rigoroso, severo, nada complacente, que o narrador dispensa a si mesmo quando criança ao apresentar-se como “idiota”, “besta”, “obtusos”. Essa mesma forma de tratamento é dispensada a personagens, temas, acontecimentos do enredo em toda a obra de Graciliano Ramos, como se sabe. Pode-se dizer, nas palavras de Alfredo Bosi, que “[s]ofrendo pelas distâncias que o separam da placenta familiar ou grupal, [o autor] introjeta o conflito numa conduta de extrema dureza, que é a sua única máscara possível” (Bosi, 2006, p. 402).

Considerando-se essas primeiras experiências com o mundo da letra impressa, não surpreende que a resolução dos pais, a certa altura, de mandar o menino para a escola seja sentida por ele como um castigo. Ademais, injusto, porque ele não consegue identificar nada que pudesse ter feito para merecê-lo.

A escola, segundo informações dignas de crédito, era um lugar para onde se enviavam as crianças rebeldes. Eu me comportava direito: encolhido e morno, deslizava como sombra. As minhas brincadeiras eram silenciosas. E nem me afoitava a incomodar as pessoas grandes com perguntas. [...] Considerei a resolução de meus pais uma injustiça. Procurei na consciência, desesperado, ato que determinasse a prisão, o exílio entre paredes escuras. [...] Não me defendi, não mostrei as razões que me fervilhavam na cabeça, a mágoa que me inchava o coração. Inútil qualquer resistência. (p. 104).

Observa-se nesse trecho, além do sentimento de injustiça, o de impotência diante de uma realidade incomensuravelmente mais potente, diante da qual só resta à criança reconhecer a inferioridade de suas forças e, por isso, a inocuidade de qualquer reação.

O menino, entretanto, teve uma grande surpresa quando conheceu a mestra, D. Maria, que era “excelente pessoa” (p. 111). Acostumado à desconsideração e à brutalidade dos adultos, ficou positivamente surpreso com a mulher de “olhos doces”, cujo “sorriso permanentemente derramava e rejuvenescia a cara redonda” (p. 114). D. Maria não gritava nem usava palmatória; ao contrário, tinha “voz carinhosa” (p. 110) e transmitia “serenidade” (p. 112). A amável professora traduzia para ele as “complicações eruditas” que encontrava nos livros com “brandura”, dando ao aprendiz certa autoconfiança e permitindo-lhe avançar um pouco:

Nessa paz misericordiosa os meus desgostos ordinários se entorpeceram, uma confiança me atirava à santa de cabelos brancos, aliviava-me o coração. Assim amparado, elevei-me um pouco. Os garranchos a tinta continuaram horrorosos, [...] mas o folheto de capa amarela foi vencido rapidamente. Tudo ali era fácil e desenxabido: combinações já vistas na carta de A B C, frases que se articulavam de um fôlego. E ausência de conselhos absurdos, as monstruosidades que se arrumavam na página odiosa [...] (p. 114-115).

Essa paz, entretanto, não durou muito tempo, e o martírio retornou na forma de um presente ominoso: o livro do Barão de Macaúbas. O menino inicia a leitura “de má vontade”, pois, já na aparência, o “grosso volume escuro, cartonagem severa” o desagradou: “Nas folhas delgadas, incontáveis, as letras fervilhavam, miúdas, e as ilustrações avultavam num papel brilhante como rasto de lesma ou catarro seco”

(p. 117). A comparação da cor do papel das ilustrações com o molusco e com a secreção corporal, coisas comumente associadas às sensações de asco e repulsa, já indicam o significado que o livro teria para o menino. Logo no início,

[...] emperrei na história de um menino vadio que, dirigindo-se à escola, se retardava a conversar com os passarinhos e recebia deles opiniões sisudas e bons conselhos.

— Passarinho, queres tu brincar comigo?

Forma de perguntar esquisita, pensei. E o animalejo, atarefado na construção de um ninho, exprimia-se de maneira ainda mais confusa. Ave sabida e imodesta, que se confessava trabalhadora em excesso e orientava o pequeno vagabundo no caminho do dever. (p. 117).

A “pergunta esquisita”, onde estão invertidas as posições usuais de sujeito e verbo, e a resposta arrevesada ave, “sabida e imodesta”, contendo a indefectível lição moralizante, levaram o menino, guiado pelo senso do “razoável”, a reflexões como estas:

Não me parecia desarrazoado os brutos se entenderem, brigarem, fazerem as pazes, narrarem as suas aventuras, sem dúvida curiosas. [...] Infelizmente um doutor, utilizando bichinhos, impunha-nos a linguagem dos doutores. [...] O passarinho, no galho, respondia com preceito e moral. [...] A figura do barão manchava o frontispício do livro — e a gente percebia que era dele o pedantismo atribuído [...] ao passarinho. Ridículo um indivíduo hirsuto e grave, doutor e barão, pipilar conselhos, zumbir admoestações. [...] encolhi-me e desanimei, incapaz de achar sentido nas páginas seguintes. Li-as soletando e gaguejando, nauseado. (p. 118).

Importa ressaltar nesse trecho a afirmação do narrador de que a criança que fora podia admitir certa quebra de verossimilhança nas histórias; não lhe faltava a compreensão de que elas davam conta de um outro mundo, um mundoficcional, onde o inverossímil podia ser aceitável. Entretanto, até a inverossimilhança tem suas exigências; é preciso que ela tenha plausibilidade dentro dos termos em que se propõe. Em outras palavras, os elementos que compõem a história não precisam estar submetidos inteiramente às contingências do chamado “mundo real”, têm certa liberdade em relação a ele; mas há limites. Um pássaro até pode falar⁹, contudo, sendo um elemento da natureza, não é “razoável” que profira, de forma arrevesada e pedante, “lengalengas cheias de moral” (p. 179).

As dificuldades que encontra na leitura do livro frustram tanto o menino que provocam nele, mais uma vez, mal-estar físico. E, de novo, confirmam a imagem depreciativa que ele tinha de si mesmo, fazendo-o considerar que talvez não houvesse nada de errado com o livro do Barão de Macaúbas; ele, sim, o menino, é que seria “obtusos”:

Os meus infelizes miolos ferviam, evaporavam-se, transformavam-se em nevoeiro, e nessa neblina flutuavam moscas, aranhas e passarinhos, nomes

9 Nas histórias de Trancoso, por exemplo, que tanto agradavam o menino, há elementos mágicos, inverossímeis, que ele não tem dificuldades de aceitar.

difíceis, vastas barbas pedagógicas. Achava-me obtuso. A cabeça pendia em largos cochilos, os dedos esmoreciam, deixavam cair o volume pesado. Contudo cheguei ao fim dele. Acordei bambo, certo de que nunca me desembaraçaria dos cipoais escritos. § De quem seria o defeito, do Barão de Macaúbas ou meu? Devia ser meu. Um homem coberto de responsabilidades com certeza escrevia direito. Não havia desordem na composição. Só eu me atrapalhava nela [...] (p. 18-19).

A atenção do menino não consegue se fixar naquela obscura e, segundo lhe parece, insensata “linguagem dos doutores” e sua capacidade de compreensão “evaporava”, o que, dada a sua baixíssima autoestima, ele interpretava como necessidade.

Suas desventuras continuaram quando lhe “infligiram” (p. 120) Camões:

Aos sete anos, no interior do Nordeste, ignorante da minha língua, fui compelido a adivinhar, em língua estranha, as filhas do Mondego, a linda Inês, as armas e os barões assinalados. Um desses barões era provavelmente o de Macaúbas, o dos passarinhos [...]. Deus me perdoe. Abominei Camões. E ao Barão de Macaúbas associei Vasco da Gama, Afonso de Albuquerque, o gigante Adamastor, barão também, decerto. (p. 120-121).

O trecho, marcado por humor e ironia, expressa a aversão do menino à linguagem empolada e “imodesta” com que teve contato, pela primeira vez, na cartilha da loja do pai e, pela segunda de muitas, no malfadado livro do Barão de Macaúbas: “todas as frases artificiais me deixavam perplexo” (p. 120). Nas palavras do narrador, “na horrível cartomagem só percebia uma confusão de veredas espinhosas. Não valia a pena esforçar-me por andar nelas. Na verdade, nem tentava qualquer esforço: o exercício me produzia enjojo” (p. 119).

Tal aversão perdurou no adulto e orientou toda a obra de Graciliano Ramos, como se sabe. O repúdio a esse tipo de linguagem caracteriza, além de todos os livros, a opinião de todos os protagonistas dos considerados grandes romances de Graciliano. Paulo Honório, narrador de sua própria história em *S. Bernardo*, abandona o projeto de escrever seu livro “pela divisão do trabalho” (Ramos, 1977, p. 7) porque um de seus possíveis futuros colaboradores apresentou-lhe um primeiro texto cheio de “frases artificiais”. Em suas palavras: “Está pernóstico, está safado, está idiota. Há lá ninguém que fale dessa forma!” (Ramos, 1977, p. 7). Em *Angústia*, um dos motivos da ojeriza inicial de Luís da Silva por Julião Tavares foi a sua forma afetada de se expressar: “tudo nele era postiço” (Ramos, 2011, p. 61). Também lhe repugnava o patriotismo ornamental manifestado nos pronunciamentos do bacharel de família de comerciantes ricos no Instituto Histórico. Foi lá que Luís viu Julião pela primeira vez. Na ocasião, o bacharel proferia um “discurso furioso e patriótico”, em que fazia uso de uma “linguagem arresada, muitos adjetivos, pensamento nenhum” (Ramos, 2011, p. 55). Fabiano, de *Vidas secas*, por sua vez, é analfabeto e tem muita dificuldade para se expressar verbalmente. Basta lembrar a resposta que dá ao convite do soldado amarelo para jogar trinta e um: “Isto é. Vamos e não vamos. Quer dizer. Enfim, contanto, etc. É conforme” (Ramos, 2004, p. 28). Entretanto, apesar de admirar “as palavras compridas e difíceis da gente da cidade,

[...] sabia que elas eram inúteis e talvez perigosas.” (Ramos, 2004, p. 20). Como as do patrão, que sempre lhe roubava nas contas, e as do próprio soldado amarelo, que acabaram por metê-lo na cadeia. “Palavras compridas e difíceis” são armas do tirano para Fabiano, assim como inicialmente o eram para o menino em *Infância*.

As experiências com a alfabetização prosseguiram penosas, quase sempre marcadas pelo “método” da ameaça e dos castigos físicos; e/ou pelo despreparo dos mestres; e/ou pela inadequação, e conseqüente ineficiência, dos textos didáticos. Essas condições desfavoráveis constituíram-se em obstáculos de difícil transposição para o menino, que, nas palavras dele mesmo depois de adulto, “estúpido não era, mas tornei-me estúpido, creio que me tornei quase idiota.” (p. 115).

Esse mesmo menino, contudo, tão negativamente marcado pelas experiências relacionadas ao processo de alfabetização, acabou se reconciliando com elas. E, como sabemos, chegou a se tornar um escritor. A despeito das dificuldades criadas pela impaciência do pai, pela inépcia dos professores e pela inadequação do material didático utilizado no processo, o menino acabou por desenvolver o gosto pela leitura, que, como observaram os críticos, funcionou para ele como um refúgio contra a hostilidade do meio. Uma questão, entretanto, persiste: como, depois de uma experiência tão traumática de alfabetização e letramento, teria se dado essa passagem do horror ao amor pelos livros? Como a necessidade de evasão superou o trauma da alfabetização e permitiu o desenvolvimento do gosto pela leitura?

Alguns episódios narrados no livro indicam o papel relevante que questões de linguagem desempenharam, desde muito cedo, na vida do menino. O livro se abre da seguinte forma:

A primeira coisa que guardei na memória foi um vaso de louça vidrada, cheio de pitombas, escondido atrás de uma porta. [...] Inculcaram-me nesse tempo a noção de pitombas – e as pitombas me serviram para designar todos os objetos esféricos. Depois me explicaram que a generalização era um erro, e isto me perturbou. (p. 7).

A “primeira coisa” de que o narrador se lembra está ligada ao significado de uma palavra. O menino tomava por pitomba todos os objetos redondos e é advertido de que o termo não se aplicava a uma forma, mas a uma fruta específica que tinha essa forma. A primeira lembrança que o narrador guardou na memória, a primeira que menciona no livro, relaciona-se, portanto, às convenções estabelecidas no código linguístico para que a comunicação se realize de modo eficaz.

A lembrança que se segue a essa se relaciona, também, a questões de linguagem. O narrador prossegue o relato, ainda no primeiro capítulo:

Achava-me numa vasta sala, de paredes sujas [...]. A sala estava cheia de gente. Um velho de barbas longas dominava uma negra mesa, e diversos meninos, em bancos sem encostos, seguravam folhas de papel e esgoelavam-se:
— Um b com um a – b, a:ba; um b com um e – b, e: be. [...]
Assim por diante até o u. [...] Em pé, junto ao barbado, uma grande moça [...] tinha nas mãos um folheto e gemia:
— A, B, C, D, E. (p. 8).

O menino de 2 ou 3 anos, segundo o narrador, viajava com a família, que se mudava da fazenda de que o pai fora proprietário. Devido a prejuízos com a seca, ele fora obrigado a vender suas terras e se transferir, com esposa e filhos, para a Vila, onde montou uma pequena venda. Durante a viagem, a família se hospedou numa escola rural, onde o menino escutou a “toada única” que nunca se apagou de sua memória (p. 8). Quando, mais tarde, o pai resolveu ensiná-lo a ler, o menino se lembrou das “cinco letras já conhecidas de nome, as que a moça, anos antes, na escola rural, balbuciava junto ao mestre barbado” (p. 96). A esse respeito, Nitschack fez uma reflexão relevante:

[É] significativo que esta lembrança das letras seja mais antiga do que a lembrança da irmã, que só mais tarde será identificada como tal. Antes de poder identificar a própria irmã, antes das imagens dos próprios pais, surge [sic] na memória (reconstruída) as letras. Essas letras pelas quais vai se definir, no futuro, sua relação com o mundo (Nitschack *apud* Santos, 2012, p. 247).

Todo o primeiro capítulo de *Infância* é pródigo em demonstrar o interesse que as letras e a sonoridade das palavras despertaram no menino desde muito cedo. E também os mundos ficcionais. Aí se trata ainda das cantorias de José Baía, de seus “barulho[s], exclamações, onomatopeias e gargalhadas sonoras” (p. 9), que muito alegravam a criança. O trabalhador da fazenda do avô, ao contrário dos outros adultos, dispensava atenção ao menino, brincava com ele, contava-lhe histórias de onças, cantava-lhe versos ritmados:

Sentado, escanchava-me nas pernas e sacudia-me, sapateava, imitando o galope de um cavalo; em pé, segurava-me os braços, punha-se a rodopiar, cantando: Eu nasci de sete meses/ Fui criado sem mamar./ Bebi leite de cem vacas/ Na porteira do curral [...] (p. 9-10).

Ao menino, como foi dito, não era dispensada muita atenção por parte dos pais. José Baía, entretanto, considerava-o, dedicava-lhe seu tempo. Não é improvável que o menino tenha associado histórias e jogos de linguagem com afeto, bem-estar, conforto. Seja como for, as qualidades que o narrador ressalta naquele a quem chama de amigo estão diretamente relacionadas ao mundo da linguagem e da ficção, demonstrando o interesse que a criança manifestava, desde a mais tenra idade, pela sonoridade das palavras e pelas histórias.

Esse interesse é novamente demonstrado no primeiro capítulo, quando o narrador lembra a “prosódia curiosa” da mãe (“Suponho que nunca houve outra igual” – p. 13), sua sintaxe e seu vocabulário incomuns. E continua: “nessa linguagem capenga, D. Maria matracava um longo romance de 4 volumes [...] e contos que me pareciam absurdos”¹⁰. Um deles era a “historieta” de Papa-hóstia e Folgazona, cujos fragmentos, “impertinentes”, não lhe saíam da cabeça (p. 14) e não o abandonaram até ele conseguir recuperar parte dos versos. Recuperou também o que teriam significado para ele quando criança: sentindo-se incapaz de realizar um

10 Mais uma vez se manifesta aqui a aceitação, por parte do menino, somente do que lhe parece razoável e plausível.

“feito notável” como o do rapaz da história – a exemplo do menino, fraco e vítima de maus-tratos – admirava a coragem do personagem, que, a despeito de condições desfavoráveis, conseguiu se vingar de seus opressores (p. 15). Não é difícil imaginar os motivos que levaram à fixação da história, ainda que de maneira fragmentada, na mente do narrador.

A identificação com o drama do personagem foi, provavelmente, mais um estímulo ao interesse do menino pelas histórias, como foi dito, já manifestado (talvez despertado) na relação com José Baía e alimentado pelas histórias da mãe. E o foi novamente, e definitivamente, por D. Agnelina, mais uma “professora atrasada” que o marcara, não porque aprendera qualquer coisa de relevante que ela tivesse lhe ensinado em sala de aula, mas porque ela “possuía raro talento para narrar histórias de Trancoso. Visitava-nos, prendia-nos até meia-noite com lendas e romances, que estirava e coloria admiravelmente. Nada me ensinou, mas transmitiu-me afeição às mentiras impressas.” (p. 194).

O que episódios como os mencionados mostram é que parece haver no menino, desde muito cedo, uma disposição íntima que o tornou particularmente sensível ao mundo da linguagem e da ficção. As dificuldades que enfrentou no processo de alfabetização decorrem, segundo Nuno Ramos, de o conhecimento da letra impressa ter se tornado para ele “essencialmente uma arma do tirano, como o bordão e a palmatória” (Ramos, 2019, p. 47). Como observa o artista plástico e escritor, “a educação e o conhecimento [são vistos pelo menino] como principais ferramentas do poder que tem alguns poucos sob os demais” (Ramos, 2019, p. 46). Isso fica muito explícito quando, na cena já comentada aqui, em que exalta as excelências do domínio da leitura para o filho, o pai dá Padre Inácio como exemplo de pessoa “sabida”, que se beneficiava do conhecimento da letra impressa. Ao menino, entretanto, não interessavam ter como modelo aquele homem “tenebroso por fora e por dentro” (p. 59), que “toldava a alegria” das crianças forçando-as à obediência (p. 58).

Há, entretanto, um acontecimento específico que permitirá ao menino dar novo significado ao aprendizado das letras, que passará de instrumento do poder do forte sobre o fraco a uma forma de libertação e independência. O acontecimento que marca essa passagem ocorre no capítulo “Os astrônomos”, no qual o narrador relata o impacto que produziu sobre ele uma pergunta, ao mesmo tempo óbvia e muito surpreendente, de Emília, sua “excelente prima” (p. 189).

Na ocasião, o menino falava com Emília sobre o interesse que um determinado livro lhe despertara. Tratava-se de um romance que o pai, certa noite, pedira que o filho lesse para ele. Já com o estômago embrulhando, prevendo resultados desastrosos, o menino começou a leitura:

Mastigando as palavras, gaguejando, gemendo uma cantilena medonha, indiferente à pontuação, saltando linhas e repisando linhas, alcancei o fim da página, sem ouvir gritos. Parei surpreendido, virei a folha, continuei a arrastar-me na gêmeadeira, como um carro em estrada cheia de buracos (p. 188).

Ao contrário do que o menino esperava, porém, o pai não o repreendeu pela “gemedeira”, estava de bom humor – “[c]om certeza o negociante recebera alguma dívida perdida” (p. 188), imagina o filho – e resumiu a parte já percorrida pela leitura precária do menino. Diante da condescendência paterna, o filho se anima a prosseguir a leitura do capítulo, “diligenciando penetrar o sentido da prosa confusa”, pois “havia alguma coisa no livro”, uma que muito o impactara, e ele sentira que “uma luzinha quase imperceptível surgia longe, apagava-se, ressurgia, vacilante, nas trevas do meu espírito” (p. 189).

Nessa primeira noite de leitura, o menino dormiu pensando na história e passou todo o dia seguinte esperando pelo momento em que continuaria a leitura com o pai – o que, para a sua alegria, efetivamente aconteceu. Na terceira noite, entretanto, o menino foi buscar o livro espontaneamente, mas o pai não estava mais interessado em prosseguir acompanhando-lhe a leitura; bem como na quarta noite, quando afastou o filho “com um gesto, carrancudo” (p. 189). O desapontamento do menino foi enorme: “Nunca experimentei decepção tão grande. Era como se tivesse descoberto uma coisa muito preciosa e de repente a maravilha se quebrou” (p. 189). Ou como se aquela “luzinha” vacilante que se acendera em seu espírito e trouxera um pouco de clareza e brilho para sua existência insípida e desafortunada se apagasse subitamente e as trevas voltassem a recobrir o seu espírito.

No entanto, “[f]indas [...] as manifestações secretas de mágoa” (p. 189), o menino pensou que a situação talvez pudesse ter solução. Procurou Emília, explicou à prima o ocorrido e propôs a ela que lhe dirigisse a leitura, como o fizera o pai, para ajudá-lo na decifração dos signos opacos. Contudo, embora tenha se esforçado muito por interessá-la, contando-lhe, entusiasmado, os fragmentos da história que conhecia até então, Emília respondeu com a tal pergunta espantosa: “Por que não me arriscava a ler o livro sozinho?” (p. 190). Apesar de bastante previsível, a pergunta surpreende enormemente o menino, que, dada a péssima imagem que tinha de si mesmo e de suas capacidades, sequer cogitara a possibilidade de que ele mesmo, munido de seus próprios recursos, pudesse ser capaz de empreender tal iniciativa, como se percebe pela resposta que dá à prima:

Longamente lhe expus a minha fraqueza mental, a impossibilidade de compreender as palavras difíceis, sobretudo na ordem terrível em que se juntavam. Se eu fosse como os outros, bem; mas era bruto em demasia, todos me achavam bruto em demasia (p. 190).

Emília, entretanto, discordou da péssima imagem que o menino fazia de si mesmo e de suas capacidades, influenciado pela opinião dos “outros”, apresentando-lhe alguns argumentos que pareceram sensatos ao primo:

Emília combateu a minha convicção, falou-me dos astrônomos, indivíduos que liam no céu, percebiam tudo quanto há no céu. Não no céu onde moram Deus Nosso Senhor e a Virgem Maria. Esse ninguém tinha visto. Mas o outro, o que fica por baixo, o do Sol, da Lua e das estrelas, os astrônomos conheciam perfeitamente. Ora, se eles enxergavam coisas tão distantes,

porque não conseguiria eu adivinhar a página aberta diante dos meus olhos? Não distinguia as letras? Não sabia reuni-las e formar palavras?¹¹

E tomei coragem, fui esconder-me no quintal, com os lobos, o homem, a mulher, os pequenos, a tempestade na floresta, a cabana do lenhador. Reli as folhas já percorridas. E as partes que se esclareciam derramavam escassa luz sobre os pontos obscuros. Personagens diminutas cresciam, vagarosamente me penetravam a inteligência espessa. Vagarosamente.

Os astrônomos eram formidáveis. Eu, pobre de mim, não desvendaria os segredos do céu. Preso à terra, sensibilizar-me-ia com histórias tristes, em que há homens perseguidos, mulheres e crianças abandonadas, escuridão e animais ferozes (p. 190-191).

A pergunta da prima, as considerações sensatas que fez (“Não distinguia as letras? Não sabia reuni-las e formar palavras?”), a analogia pueril (“se eles [os astrônomos] enxergavam coisas tão distantes, porque não conseguiria eu adivinhar a página aberta diante dos meus olhos?”), bem como o incentivo e a confiança que Emília demonstrara na capacidade de o menino, ele mesmo, ler a história que tanto o interessara, tudo isso permitiu que “criaturas de sonho, incompletas e misteriosas” (p. 189), as personagens de ficção, comessem a “crescer vagarosamente” no “esconderijo do quintal”, onde o menino se isolava para ler (p. 191). Neste sentido, o menino de *Infância*, futuro escritor, lembra outro menino, de um poema que também tem teor autobiográfico e é igualmente intitulado “Infância”, de Carlos Drummond de Andrade. Sua primeira estrofe é a seguinte:

Meu pai montava a cavalo, ia para o campo.
Minha mãe ficava sentada cosendo.
Meu irmão pequeno dormia.
Eu sozinho menino entre mangueiras
lia a história de Robinson Crusóé,
comprida história que não acaba mais. (Andrade, 1979, p. 71)

No poema, o menino também está isolado do convívio familiar, refugiado entre as mangueiras do quintal, para ler a história do herói igualmente solitário e isolado, habitante de uma ilha. Sobre o menino de Drummond, afirmou Silviano Santiago:

O menino, sozinho e com o livro nas mãos, vive como se estivesse numa ilha banhada por mangueiras de todos os lados. Se isola a criança numa ilha, quando o pai parte para o campo, a mãe se entrega à costura e ao irmão mais novo ao sono. O sentimento de exclusão que experimenta da vida-em-família acarreta a necessária e complementar inclusão de sua existência no universo imaginário do Livro, onde encontrará abrigo e companhia, ao

11 Tudo leva a crer que, a essa altura, o menino já se alfabetizara, isto é, aprendera a juntar letras e formar palavras, mas não atingira o letramento, a capacidade de integrar as palavras no contexto da frase e produzir sentidos; ou, em outras palavras, não era capaz de compreender o que lia. Emília chama a atenção do primo para o fato de que a condição para atingir o segundo era o primeiro, que ele já alcançara, e de que ele tinha, portanto, condições de fazer a passagem. E é, efetivamente, o que o menino realizará agora, por deliberação e esforço próprios.

mesmo tempo que descobrirá a si mesmo metamorfoseado em “Outro” (Santiago, 1976, p. 48).

Em situação semelhante encontra-se o menino de Graciliano Ramos, ou Graciliano-menino, que se isola da família para perder-se (e encontrar-se) no universo imaginário da ficção.

Emília, como se vê, desempenhou papel muito mais importante na “travessia das letras” de seu primo do que todos os seus professores. Com sua pergunta espantosa, ajudou o primo a dar outro significado à habilidade da leitura. As traumáticas experiências nesse campo dificultaram muito o aprendizado da criança, bem como o significado que o menino emprestava ao aprendizado da leitura. Não era algo de seu próprio interesse; era, antes, instrumento de opressão imposto pelo pai e pelos professores; em outras palavras, mais uma arma dos fortes contra os fracos, como foi dito. A pergunta de Emília, entretanto, deu outro sentido ao aprendizado da leitura: ela poderia dar acesso a mundos muito mais interessantes do que aquele em que o menino vivia sua condição de oprimido, além de lhe permitir fazê-lo sem depender de ninguém. Aprender a ler passou, então, de instrumento de dominação a meio de libertação.

Vale ressaltar ainda a construção cuidadosa de todo o capítulo, que traz referências sutis a elementos relacionados ao céu, aos astros e aos astrônomos, esses seres “formidáveis” que abriram o caminho do menino para o aprendizado das letras. Remete a eles, por exemplo, a “luzinha [...] vacilante” que timidamente brilha “nas trevas do [...] espírito” do menino, como uma estrela, durante a leitura do romance sob a supervisão do pai; bem como a forma como o narrador descreve sua “excelente prima”, que tinha o “rosto sereno, largos olhos pretos, um ar de serenidade – linda moça. [...] Emília não era deste mundo. [...] Um anjo” (p. 189-190). Seria possível, nesse contexto, substituir a frase “Emília não era deste mundo” por outra de sentido bastante semelhante apenas transformando a negação em afirmação: “Emília era de outro mundo”, ou “de outro planeta”. Vale também mencionar a utilização do substantivo “anjo” para definir a prima. Para utilizar os termos de Emília, a palavra “anjo” não remete ao céu “do Sol, da Lua e das estrelas”, mas ao outro, aquele a que a menina se refere como o lugar “onde moram Deus Nosso Senhor e a Virgem Maria”.

Por isso, ao contrário do que afirma o narrador, nem tão preso à terra o menino estava. As histórias que passou a ler permitiram que ele alçasse voos mais altos. Como a crítica é unânime (salvo engano) em afirmar, trata-se o livro de um relato de experiências extremamente dolorosas, que devem ter contribuído para o “senso de gratuidade e inocuidade das coisas” (Candido, 1992, p. 20) e para a visão pessimista sobre as pessoas e as relações sociais que a obra de Graciliano registra. Ele também escreveu “histórias tristes, em que há homens perseguidos, mulheres e crianças abandonadas, escuridão” (p. 190). Só não há animais ferozes; isto é, se não considerarmos os humanos. Mas isso também indica que uma mudança de perspectiva pode oferecer um caminho de superação, da superação possível – que, no caso de Graciliano, acabou resultando na própria existência de *Infância*.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Poesia e Prosa**. 5. ed. (Revista e atualizada). Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1979.
- CANDIDO, Antonio. **Ficção e confissão**: ensaios sobre Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- FACIOLI, Valentim. Um homem bruto da terra. *In*: GARBUGLIO, José Carlos *et al.* **Graciliano Ramos**. São Paulo: Ática, 1987.
- RAMOS, Graciliano. **Angústia**. Edição comemorativa de 75 anos. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- RAMOS, Graciliano. **Infância**. 31. ed. Rio de Janeiro: Record, 1995.
- RAMOS, Graciliano. **S. Bernardo**. 28. ed. Rio de Janeiro: Record, 1977.
- RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. 94. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- RAMOS, Nuno. No palácio de Moebius: João Gilberto, Lygia Clark, Graciliano Ramos e Mira Schendel. *In*: RAMOS, Nuno. **Verifique se o mesmo**. São Paulo: Todavia, 2019. p. 23-60.
- RIBEIRO, Gustavo Silveira. **Abertura entre as nuvens**: uma interpretação de Infância, de Graciliano Ramos. São Paulo: Annablume, 2012.
- SANTIAGO, Silviano. **Carlos Drummond de Andrade**. Petrópolis: Vozes, 1976. [Coleção *Poetas Modernos do Brasil* 4. Coordenação de Affonso Ávila].
- SANTOS, Alinnie Oliveira Andrade. A escrita da infância em Graciliano Ramos e Murilo Mendes. **Anuário de Literatura**, [s.l.], v. 17, n. 2, p. 70-87, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/2175-7917.2012v17n2p70>. Acesso em: 09 ago. 2023.